
MARTIN, Oliver Primavesi Alain. *L'Empédocle de Strasbourg*. Berlin / New York: Walter de Gruyter, 1999. 396 p.

Antes de mais nada é preciso dizer que é extremamente louvável concentrar-se em um daqueles autores absolutamente incontornáveis no que diz respeito ao pensamento grego antigo, nomeadamente, Empédocles. Ainda mais quando se depara com uma pesquisa que tem como resultado inegáveis contribuições ao estabelecimento de sua obra, uma obra que não só possui relevância filosófica inquestionável, como também representa uma das mais importantes peças da poesia de sua época. Eis o motivo inicial por que o livro de Martin e Primavesi deve ser recebido com grande interesse pela comunidade científica.

O objeto de análise dos autores consiste em um papiro da época ptolomaica oriundo da região de Panópolis que foi comprado num antiquário em Achmim pelo arqueólogo alemão Otto Rubensohn no ano de 1904. No ano seguinte o papiro foi adquirido pela Biblioteca de Estrasburgo, permanecendo, contudo, longos anos sem jamais ser investigado. Convidado pela *Bibliothèque National et Universitaire de Strasbourg*, Alain Martin capitaneou o início dos estudos acerca do inédito papiro em 1990. Em 1994 é identificado que o papiro contém escritos atribuídos a Empédocles, o que se verifica sobretudo por guardar insofismáveis pontos de coincidência com

o texto estabelecido por Hermann Diels em 1901.¹ Tal identificação leva Martin a solicitar a colaboração de Oliver Primavesi a fim de que este lhe prestasse o auxílio filosófico necessário à continuidade da pesquisa, o que explica por que o livro foi escrito a quatro mãos. Portanto e se tomado como um todo, o livro dirige-se mais especificamente a três grupos: o dos filósofos, o dos filólogos clássicos e o dos papirologistas.

O livro compõe-se de três partes das quais a primeira está dividida em quatro capítulos. Os dois primeiros de certo maior interesse despertarão nos membros dos segundo e terceiro grupos acima mencionados. O capítulo 1 versa sobre como o papiro foi tratado e oferece observações sobre os seus aspectos físicos, bibliológicos, paleográficos e ortográficos, por meio do que é obtido um panorama detalhado do seu estado inicial e das características que apresenta. Através da comparação entre os trechos legados pela tradição indireta e os que são constatados no papiro, não só é ratificado ser ele relativo à obra de Empédocles, como também outros fatores fazem com que os autores levantem a hipótese de o papiro constituir um testemunho direto dessa obra, o que é mais detidamente analisado no quarto capítulo, em que tal hipótese é confirmada como tese. O segundo capítulo dedica-se à contextualização histórica e cultural do manuscrito. São então analisados dois momentos cronologicamente diversos: a confecção do manuscrito por um copista em Panópolis e sua posterior reutilização

como base para uma coroa na qualidade de atributo funerário, tal qual foi encontrado em uma das necrópoles de Achmim. Assim sendo, investigam-se nesse capítulo temas como proveniência, data aproximada de composição, circulação como texto filosófico e contexto em que foi reempregado na qualidade de oferta fúnebre por volta de um século após sua confecção. A convincente contextualização oferecida pelos autores visa a verificar o quão plausível é o fato de uma obra pre-socrática ter sido copiada, difundida e lida no início do século I d.C em uma cidade como Panópolis. Com isso são ofertadas gradualmente ao leitor ao longo desses dois primeiros capítulos minuciosas e valiosas informações sobre o histórico do papiro, o que é por fim complementado com um rico apêndice a respeito de sua descoberta por Rubensohn, primeiras observações e catalogações, bem como seu percurso até a aquisição definitiva pela biblioteca de Estrasburgo.

O terceiro capítulo inaugura as considerações e observações propriamente filosóficas. Paradoxalmente, este capítulo apresenta o segmento menos exitoso da obra resenhada mas também o seu maior trunfo. O capítulo é dividido em três seções: “os fatos universalmente admitidos”, “questões abertas” e “a contribuição do papiro”. Embora demasiadamente didática e esquemática, a primeira delas vale como uma boa introdução às questões empedoclíticas sobre as quais

todos se mostram concordes, por mais que expressões tão contundentes como *les faits universellement admis* sejam desaconselháveis e temerárias em filosofia. Quatro temas são aqui tratados: os princípios, a saber, os quatro elementos mais o amor e o ódio; a biologia; alguns dados cosmológicos e alguns aspectos da daimonologia empedoclítica. A segunda seção expõe aquelas questões que são tomadas por indefinidas, as “questões abertas”, ou seja, aquelas que mormente mais discussão suscitam. Não obstante esta seção aprofunde a análise das questões anteriormente expostas, espera-se de um segmento assim denominado mais complexidade e variedade do que o modo relativamente sucinto com que são apresentadas tais questões, agrupadas em três tópicos: cosmologia, dupla zoogonia e daimonologia. No que se refere à cosmologia, por exemplo, uma possível correlação entre o *sphairos* empedoclítico e o ser parmenídico não é considerada e nem sequer mencionada. A pertinência ou não de tal correlação pode ser determinante para a definição da natureza do *sphairos* elemento de vital importância para entender a cosmologia presente na filosofia de Empédocles. A propósito, também passa despercebido um tema bastante relevante, o da dependência ou independência do pensamento do filósofo Siciliano em relação às filosofias de Parmênides e Heráclito, sobretudo à do primeiro. Assim, unidas essas duas seções, as questões por elas arroladas não

dão conta da variedade de temas pertinentes ao universo da obra em análise e perfazem, conjuntamente, o segmento menos bem-sucedido desse precioso livro. Na verdade, talvez essa crítica pudesse ser minimamente amortecida, porque o leitor há de perceber com o desenvolvimento da leitura que os autores assim demarcam a obra de Empédocles com o intuito de se restringirem apenas àqueles aspectos sobre os quais o papiro lança novas luzes. De qualquer modo, a crítica persiste e tal delimitação não-explicita tem que ser considerada ao menos como uma falha de método ou disposição.

Ainda que restrita unicamente às questões enumeradas pelas duas seções anteriores, a última seção do terceiro capítulo representa o grande trunfo do trabalho. Afinal, de que valeria somar novos trechos e versos à obra de um autor se essa soma não acarretasse um avanço no conhecimento e compreensão de sua doutrina? Mais importantes que a novidade da descoberta - que só será explicitamente anunciada e analisada no capítulo vindouro - são os frutos que trazem. Neste ponto pode ser visto com nitidez como um achado arqueológico seguido de um meticuloso e competentíssimo projeto de reconstituição pode dar à filosofia uma contribuição de inestimável valor. Nessa seção, portanto, fazem os autores uso dos novos versos trazidos pelo papiro a fim de tentar resolver as questões anteriormen-

te denominadas como “abertas”. O resultado obtido com a questão da dupla zoogonia, por exemplo, é especialmente significativo.

A grande surpresa entretanto encontra-se no quarto capítulo. Aqui afirmam os autores clara e objetivamente o resultado final de anos de pesquisa sobre o papiro: trata-se de um testemunho direto da obra de Empédocles que, abrangendo a totalidade de 74 hexâmetros, permite que nada menos do que 54 novos versos sejam acrescentados à sua obra! Sem ouvir seus argumentos, isso parece ser um autêntico milagre. Para se ter uma idéia de quão inovadora e surpreendente é essa notícia, é preciso ressaltar anteriormente que 54 versos é uma enorme quantidade de texto para os padrões de qualquer obra pre-socrática legada pela tradição indireta. Isto representa quase 12% da obra de Empédocles tal qual é apresentada por Diels. É necessário lembrar que é a mais extensa obra preservada de um autor pre-socrático juntamente com a de Demócrito se não forem contados os escritos de Górgias. Para além disso a afirmação de que o manuscrito constitui um testemunho direto dos escritos de Empédocles é uma revolucionária novidade no âmbito da filosofia pre-socrática: até então jamais foram encontrados quaisquer registros de tamanha importância que pudessem ser considerados como tradição direta. Desse modo, tudo o que se conhece dos filósofos dessa época foi obtido quase que ex-

clusivamente a partir da assim chamada tradição indireta, isto é, através de comentários, florilégios e material doxográfico de um modo geral. Diante da maior novidade das últimas décadas no âmbito dos estudos empedoclíticos em específico e mesmo no das pesquisas sobre filosofia pre-socrática em geral, é preciso que a resenha aqui se concentre mais detidamente.

A fim de justificar a afirmação de que o papiro é um testemunho direto que conserva os restos de um manuscrito que continha os dois livros da *Physiká*, são introduzidos os seguintes argumentos:

1. Não há como sustentar a suposição de que o papiro encerre uma série de citações de Empédocles porque todas as suas 74 linhas compõem-se de versos (hexâmetros datílicos), o que praticamente torna inviável a possibilidade de que trechos em prosa pertencentes ao suposto doxógrafo tivessem sido inseridos em meio aos versos tal como de costume nas exposições doxográficas do período. Este argumento é sem dúvida determinante. Mesmo na série de citações sucessivas mais longas que se conhece, seja prosa ou poesia, não há caso em que o autor não costure as citações com suas próprias palavras. Um belo exemplo disso é o de Hipólito de Roma que em sua obra *Refutationis Omnium Haeresium* cita sucessivamente 19 dos 130 fragmentos de Heráclito selecionados por

Diels-Kranz, sempre separando-os por meio de suas breves intervenções;

2. Não se trata também de um florilégio, pois a natureza do texto é absolutamente outra em comparação às características essenciais dos florilégios escritos à essa época. Além disso, a hipótese de o papiro conter restos de um florilégio contendo exclusivamente trechos da obra de Empédocles associados livremente em versos careceria de paralelos, visto que os florilegistas sempre se baseavam em obras de diversos autores;

3. Finalmente, afirmam os autores que o conteúdo do papiro não poderia ser considerado como uma citação única basicamente por duas razões complementares: sua homogeneidade faz com que seja defendida a hipótese de que conserve os dois livros da *Physiká*, o que faria com que o manuscrito contivesse originariamente centenas de versos, número bem superior ao apresentado comumente pelos escritos doxográficos do período.² A segunda razão consiste no fato de que as mais longas citações da obra de Empédocles não ultrapassam o número de 34 versos, número bem inferior às 74 linhas do papiro. Embora os próprios autores mencionem o fato de Simplicio ter citado ininterruptamente os 62 versos do Fragmento 8 de Parmênides, desprezam esse dado pois tal montante ainda está longe de alcançar as *plusieurs centaines de vers* que a hipótese de o manuscrito conter os dois livros da *Physiká* deixa supor. Mas importa lem-

brar que essa hipotética quantidade de versos é inferida através de um pressuposto e pressupostos não devem ser considerados sólidos o suficiente para descartar taxativamente demais possibilidades de interpretação. Ademais, mesmo se o pressuposto é aceito como dado efetivo, não parece que uma questão de tamanho possa determinar com total segurança a exclusão dessa possibilidade, nomeadamente, a de o papiro portar um citação única. De todo modo deve ser aqui reconhecido que o ponto de vista dos autores é mesmo o mais coerente e provável, mas de modo algum indubitável ou de todo inquestionável.

Tais observações críticas não visam obviamente a expressar uma posição contrária à dos autores, nem tampouco a adotar uma postura cética. Mas não é igualmente aconselhável obedecer cegamente a uma decisão polêmica, mesmo quando causada pela mais meticulosa e séria das investigações, tal como o caso presente. Para além disso, gostaria de reconhecer que não sou de todo apto a julgar tema tão intricadamente vinculado ao campo da papirologia e filologia clássica, assim como esse a respeito do caráter direto ou não do papiro de Estrasburgo. Por certo vários especialistas no ramo já têm conhecimento da descoberta e já tomaram muito provavelmente a questão como objeto de investigação. Portanto, no que se refere a esse tema, melhor e mais prudente é es-

perar pelos futuros pronunciamentos a respeito.

De todo modo, ao eliminar essas hipóteses anteriormente arroladas concluem os autores que o papiro contém um texto por extenso de Empédocles, conseqüentemente, um testemunho direto não só inédito na tradição de seus escritos, como também incomparável na dos pre-socráticos em geral. Poderá ser a isso contra-argumentado que existem alguns poucos testemunhos papirológicos diretos no âmbito da filosofia pre-socrática, como os próprios autores chamam a atenção. Certamente. Mas salvo os de Antifão, o Sofista, são eles tão insignificantes e desprovidos de importância que com justiça convêm ser desprezados. Assim, à exclusão de Antifão como exemplo que possa ladear a descoberta que ora é analisada, a irrelevância dos demais casos precedentes torna ainda mais impressionante a indicação de um testemunho direto contendo um considerável número de versos de um autor de inegável significância para o período.

Mas o ponto de discussão sobre constituir o manuscrito tradição direta ou não, é, *filosoficamente*, menos relevante, principalmente quando se percebe que de uma forma ou de outra o papiro permite somar ao poema de Empédocles 54 novos versos, alguns incompletos, mas todos eles obtidos através de um impecável e indiscutivelmente convincente trabalho de reconstrução de texto. Para além disso as novidades que traz reco-

menda ou mesmo implica a reformulação da sequência dos fragmentos em oposição à ordenação por Diels-Kranz estabelecida, bem como altera a composição da *Physiká* e das *Katharmoi*. Sobre isso, os novos dados trazidos pelo papiro iluminam a questão da distinção ou da possível identidade entre os dois títulos com que comumente é dividida a obra do Siciliano.³ Estas as reflexões que ocupam as páginas finais do derradeiro capítulo da primeira parte, em que também é demonstrado e esclarecido onde e como são encaixados os novos versos ao longo da obra de Empédocles.

A segunda parte do livro abrange a esperada edição dos novos versos. Podem ser portanto finalmente e prazerosamente apreciados pelo leitor que, além disso, tem a oportunidade de observar mais nitidamente como foram dispostos. Aqui são apresentados apenas os novos versos e os fragmentos já conhecidos que com eles se relacionam. Notáveis o esmero e o capricho da edição. Trata-se de uma edição em paralelo em que a transcrição do texto encontra-se à página esquerda e sua reconstrução à página direita. Naquela consta ainda o aparato paleográfico e nesta o aparato crítico, bem como abalizadas traduções do texto grego para o francês e o inglês.

Na sequência são introduzidos os comentários que formam a terceira e última parte do livro. São aqui detalhadas, esclarecidas e justificadas uma a uma todas as decisões que proporcionaram o

estabelecimento do texto conforme está finalmente apresentado. Linha por linha do papiro é esmiuçada, conduta que funda um comentário tão vasto e minucioso que se torna impossível querer resumí-lo. Mas que seja feita ao menos uma ponderação: notável observar como os problemas aqui discutidos, em sua maioria de foro gramatical com vistas a possibilitar a boa compreensão do texto, abre por vezes questões de conteúdo que enriquecem francamente o trabalho em sentido filosófico.

Por fim, falta fazer menção a algumas virtudes “técnicas” do livro ainda não avaliadas. Nesse ponto, cabe elogiar a ampla bibliografia apresentada, bem como o domínio que os autores demonstram ter sobre ela; os quatro exaustivos índices analíticos e o sumário em inglês. Elementos adicionais que também contribuem para fazer do *L’Empédocle de Strasbourg* uma obra que não pode passar despercebida. Uma obra séria, muito bem cuidada e realizada. Uma obra em certa medida polêmica e seguramente inovadora. Enfim, uma leitura absolutamente *à ne pas manquer*.

ALEXANDRE COSTA*

NOTAS

- * Doutorando em filosofia pela Universität Osnabrück (Alemanha) e bolsista da CAPES.

- 1 H. Diels, *Poetarum Graecorum Fragmenta*. III/1. *Poetarum Philosophorum Fragmenta* (Berlin 1901). Mais tarde uma outra edição dos versos de Empédocles foi publicada no célebre *Die Fragmente der Vorsokratiker*, obra organizada por W. Kranz: W. Kranz, H. Diels, *Die Fragmente der Vorsokratiker* (Berlin 1934). Os autores, porém, justificadamente adotam a primeira e mais completa edição como parâmetro de comparação.
- 2 Sobre a referida homogeneidade e fundamentação dessa hipótese v. 7-9, 99.
- 3 Nos últimos anos tornou-se mais freqüente encontrar autores a defender a unidade entre esses títulos, sendo para eles, portanto, um título alternativo ao outro: C. Osborne, *Empedocles Recycled*, CQ n.s., 37 (1987), p.24-50. B. Inwood, *The Poem of Empedocles* (Toronto, 1992). Relativamente a esse tema, Martin e Primavesi opõem algumas reticências. Vê-se daí que muito provavelmente preferem manter a distinção entre os títulos, embora não se tenham decidido expressamente por isso. Com razão consideram entretanto mais importante indicar que o papiro depõe a favor da coerência interna do pensamento de Empédocles e atesta sua univocidade. Com isso abstêm-se de apoiar o ponto de vista de alguns autores que afirmam ser os poemas empedoclíticos contraditórios entre si; v.118-119.